



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

UM ESTUDO SOBRE O TRABALHO NA INDÚSTRIA CRIATIVA DA MODA NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE/RS: LUZES DA MEMÓRIA SOCIAL SOBRE ERGOLOGIA E A ATIVIDADE DE SI

Gerson Luiz Santos Rocha, Moisés Weismann (Orientador)
Universidade La Salle.

Resumo

Nos bastidores da indústria criativa da moda na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS, o(a) trabalhador(a) tem sua atividade invisibilizada, visto suas condições e relações sociais de trabalho. A Memória Social aportada pela Ergologia, a história de vida de trabalho, das narrativas e experiências do trabalhador(a) e como se reinventa no trabalho como atividade, compõe o eixo metodológico. O eixo teórico terá suporte em Walter Benjamin, Yves Schwartz e Yves Clot, Halbwachs, Trinquet, Durkheim.

Palavras-chave: *Memória Social. Ergologia. Moda.*

Área Temática: Memória Social

1. Introdução

A indústria criativa da moda é importante segmento econômico da região da Grande Porto Alegre/RS, contratando milhares de trabalhadores e trabalhadoras. Além disso, estima-se que muitos trabalhadores atuem na forma de cooperativa e em atividade de artesanato.

Destaca-se que a Moda e o artesanato são reconhecidos como do campo Cultural no Brasil.

A moda, antes resultado da atividade manual na confecção da indumentária, ainda na era moderna, passou a ser produzida em massa dentro do modelo fordista de produção.

O trabalhador e a trabalhadora de uma atividade de produção ligada ao campo cultural, que tanto produz partes de um produto, quanto o faz em atividade artesanais ligadas ou não a moda de indumentária.

A invisibilidade do trabalhador(as) e do trabalho nesses processos, se dá muitas vezes pela redução das abordagens quantitativas de taxas de emprego/desemprego, média salarial e outros dados.

A atividade de trabalho, complexa por natureza e o olhar superficializado que se dá a ela, requer, nesse importante segmento da economia criativa e da cultura, um desvendar da realidade relacionada, quando o trabalhador(a), ao dizer o trabalho, cria condições de visibilidade a estas atividades laborais.

Portanto, sob as bases de orientação da Memória Social qualificando a Ergologia como olhar pluridisciplinar da atividade de trabalho, orientado pelas bases teóricas que envolvem a experiência e atividade em Walter Benjamin, Yves Clot e Yves Schwartz, o estudo objetiva reconstruir as memórias dos trabalhadores e trabalhadoras da indústria criativa da moda, dando visibilidade à sua realidade de trabalho.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

2. Marco teórico

As pessoas, já livres da influência religiosa, ainda no período moderno, buscaram exercer essa liberdade também a partir da mudança da indumentária. As mulheres e os homens passaram a se vestir de forma diversa ao que antes era exigido por influência das crenças e rituais religiosos e passaram a usar roupas longas e mais justas ao corpo e os homens passaram a usar roupas igualmente justas, mas curtas, que delineavam o formato das pernas e o gibão, uma espécie de jaqueta curta (LIPOVETSKY, 2009).

Conforme dispõe o dicionário da língua portuguesa Aurélio, a moda pode ser entendida pelo uso passageiro que regula, de acordo com o gosto do momento, a forma de viver, de se vestir, neste último caso, remetendo-nos a roupa, o vestuário.

A moda e o mundo cultural também sofreram as influências de um modelo de produção em massa. O sistema fordista massificou a produção, em relação aos sistemas de produção anteriores (HARVEY, 2010). Com a produção em massa de produtos idênticos e a fragmentação das especialidades do trabalhador fabril, se obteve resultados mais promissores para a economia. Esse conjunto de transformações afetou os campos ideológico e cultural.

Ford entendia que o trabalhador deveria passar por uma reeducação nos seus padrões de consumo, para que pudessem comprar os bens produzidos por eles mesmos. O trabalhador deveria ter seus momentos de lazer, de modo a guardar forças para a rotina de trabalho (HARVEY, 2010). Devido a produção em massa das roupas, houve igualmente uma massificação nos gostos da população com relação à moda. As individualidades na moda estavam presentes mais nos pequenos detalhes, enquanto a totalidade do vestir era padronizada de acordo com o “estilo” predominante em cada época (LIPOVETSKY, 2009).

No Reino Unido, a moda foi incorporada ao rol da economia criativa, visto sua participação importante frente as necessidades econômicas e políticas existentes (SARAIVA, 2011).

No Brasil não é muito diferente do Reino Unido. A Economia Criativa é definida partindo das dinâmicas culturais, sociais e econômicas construídas a partir do ciclo de criação, produção, distribuição/circulação/difusão e consumo/fruição de bens e serviços oriundos dos setores criativos, caracterizados pela prevalência de sua dimensão simbólica” (BRASIL, 2011).

É importante destacar que durante um evento de moda em 2007, o então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, elevou a moda ao status de cultura (NERY, 2012).

Sendo assim, o processo de inclusão da moda como parte do setor cultural e criativo, foi estabelecido em conjunto com o design e a arquitetura. Por sua vez, a definição de setores criativos aponta a criatividade e, pois, o valor simbólico dos bens como determinantes de sua classificação no âmbito da economia criativa, o que, a rigor, possibilita a inclusão da moda como setor criativo (NERY, 2012).

Levando-se em conta o campo da moda como importante segmento da economia criativa, o seu reconhecimento como parte do espectro da cultura com importância destacada na economia, especialmente com a geração de empregos e distribuição de riqueza, temos também como destaque a mudança das formas de produção de roupas, como já sustentado pela visão fordista de produção em massa e na desfragmentação do trabalho especializado.

Reforçamos neste contexto, que o trabalhador do campo da moda, com raras exceções, opera em parte da constituição de uma peça de roupa, assim como ocorre em qualquer outra linha de produção de bens de consumo (NERY, 2012).

Portanto, encontramos na divisão do trabalho em Durkheim, que ela foi muitas vezes acusada de diminuir o indivíduo, reduzindo-o ao papel de máquina. Coloca o trabalhador como um ser dissociado de um trabalho, onde não lhe é possível se apropriar do seu fazer. O trabalhador não sabe para onde tendem essas operações que se lhe exigem e assim não as associa a qualquer fim, restando apenas se contentar com a rotina. O trabalho repetitivo e monótono, hoje identificado pelo campo da ergonomia (ciência que estuda o conforto no trabalho, parte importante da Ergologia), quando o trabalhador repete os mesmos movimentos com uma regularidade monótona, mas sem se interessar nem os compreender. O trabalhador nesse trabalho massificante, não passa de uma engrenagem inerte que uma força externa põe em funcionamento. É um processo de

degradação do trabalhador na sua



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

condição humana (DURKHEIM, 2011),(MUSSE, 2011).

Além da anarquia econômica e do conflito entre patrões e operários, Durkheim arrola também “a rotina do trabalho” entre os fenômenos que considera anormais no capitalismo (MUSSE, 2011). Sob os efeitos da superespecialização, o trabalho – seja manual ou intelectual – se torna não só aviltante, monótono e maquinal, mas também algo desprovido de sentido (na terminologia de Marx, “alienado”) (MUSSE, 2011).

Nesse tocante, Durkheim já destaca que mesmo que o trabalho seja realizado de forma particionada, a sua atividade é mais complexa do que parece.

A divisão do trabalho supõe que o trabalhador, longe de ficar curvado sobre sua tarefa, não perde de vista seus colaboradores, mas age sobre eles e sofre sua ação. Ele não é, pois, uma máquina que repete movimentos cuja direção não percebe, mas sabe que eles tendem para algum lugar, para um objetivo que concebe mais ou menos distintamente. Ele sente que serve para alguma coisa. A diversidade funcional, especialização resultante do incremento da divisão do trabalho, desencadeia a emergência e o fortalecimento do “individualismo”. (MUSSE, 2011).

É evidente nos sinais fortes em Durkheim aqui abordados, o seu diálogo com a Ergologia, que consiste num método de investigação pluridisciplinar em função de a atividade humana ser muito complexa para se compreender e analisar a partir de uma única disciplina, qualquer que seja ela (TRINQUET, 2010). Todas são necessárias, embora nenhuma seja suficiente. Trata-se, portanto, de colocar em dialética – e não somente de sobrepô-las umas sobre as outras – o conjunto dos saberes elaborados pelas outras disciplinas. E quando se faz isso, não somente se tem uma visão mais realista e completa da situação real da atividade de trabalho humano, mas se descobre uma outra dimensão (TRINQUET, 2010).

O Brasil atravessa uma série de turbulências políticas, com mudanças radicais nos direitos dos trabalhadores. A aprovação de leis que alteram as relações contratuais de trabalho e permitem a terceirização de todas as atividades de trabalho numa empresa, ocorrem sem resistência importante da população mais atingida, visto que a terceirização é reconhecida como precarização das relações de trabalho. Compreender os mecanismos sobre como se estabelecem a memória coletiva de grupos sociais, dentre eles o de trabalhadores é necessário. Buscar conhecer a formação da sua identidade, os aspectos culturais que os envolvem, os esquecimentos necessários ou oportunos, podem explicar alguns motivos que mesmo que parcialmente, expliquem a inércia das vítimas de políticas de recrudescimento da exploração que atropelam a sociedade.

A Ergologia pode encontrar o aporte valioso da Memória Social para a melhor compreensão da atividade de trabalho, já que está aberta a se qualificar pela ampliação dos saberes de outras disciplinas.

Portanto, em sua análise da memória coletiva, Maurice Halbwachs (2011) enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos. Na tradição metodológica durkheimiana, que consiste em tratar fatos sociais como coisas, torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais. Na abordagem durkheimiana, a ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva, à duração, à continuidade e à estabilidade. Assim também Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de “comunidade afetiva”.

Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial (HALBWACHS, 2006).



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Toda organização política, por exemplo - sindicato, partido etc. -, veicula seu próprio passado e a imagem que ela forjou para si mesma. Ela não pode mudar de direção e de imagem brutalmente a não ser sob risco de tensões difíceis de dominar, de cisões e mesmo de seu desaparecimento, se os aderentes não puderem mais se reconhecer na nova imagem, nas novas interpretações de seu passado individual e no de sua organização. O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo (POLLAK, 1989).

Ao se considerar que o trabalho não se reduz a uma realização técnica e/ou mecânica e que também não é restritivo à observação crua da tarefa executada, amplia-se a visão para o trabalho como atividade pela qual o sujeito se afirma na relação com seu objeto de trabalho, consigo mesmo e com os outros (AMADOR et. al 2016).

Conforme Amador (2016), a narratividade presente em Walter Benjamin, surge como dispositivo metodológico, operante nas pesquisas no campo da saúde do trabalhador, tema destacado quando se lança um olhar pluridisciplinar sobre a atividade de trabalho.

Na construção de Benjamin a narrativa faz-se interessante para a aproximação e a utilidade de pensar a narrativa como “experiência verdadeira”, transmitida por uma história coletiva e reconstruída por uma memória coletiva investigada. A transmissibilidade da experiência, não se trata tão somente de conhecimentos, mas de pertencimento, cultura, tradições, funcionamento social, um contexto. Yves Schwartz (2010), também se debruçou sobre o tema da experiência quando problematiza a relação entre experiência e formação.

Sendo assim, para alcançar os objetivos do estudo, faz-se oportuno a construção da história de vida de trabalho dos participantes, assim como acessar a memória e a subjetividade dos mesmos e reconhecer as formas culturais identitárias dos indivíduos ou grupos de trabalhadores e trabalhadoras da indústria criativa da moda na sua relação com o trabalho. A história de vida é uma das modalidades de estudo em abordagem qualitativa. No relato de vida o que interessa ao pesquisador “é o ponto de vista do sujeito”. O objetivo desse tipo de estudo é justamente apreender questões da vida e também da vida de trabalho conforme ela é relatada e interpretada pelo próprio ator” (LUDKE, 1986). O método de História de Vida ressalta o momento histórico vivido pelo sujeito. Assim esse método é necessariamente histórico (a temporalidade contida no relato individual remete ao tempo histórico), dinâmico (apreende as estruturas de relações sociais e os processos de mudança) e dialético (teoria e prática são constantemente colocados em confronto durante a investigação) (BRIOSCHI, 1987). Segundo Rey (2001) a subjetividade são os sentidos e as significações produzidas em um âmbito cultural ainda que seja assimilada particularmente por cada membro da sociedade. Há, portanto uma subjetividade social e uma individual que se inter-relacionam.

Portanto, a moda como expressão cultural, estabelece a identificação de épocas da história, tem as luzes da passarela, de vitrines. Identifica grupos, estação climática, quando as roupas, a indumentária sinaliza comportamentos, momentos sociais, poder e submissão.

Ao propor a Ergologia para lançar luzes sobre o trabalho dos bastidores da Indústria Criativa da Moda da Região da Grande Porto Alegre/RS, se oportuniza, mediante o acesso ao dizer o trabalho pelos trabalhadores, suas narrativas e experiências, tanto dos indivíduos como dos grupos sociais, que realidade referente à saúde do trabalhador, sobre as relações sociais de trabalho, profissões e ocupações, existência, sofrimento, realizações poderá ser descortinada, trazida à luz, que explique as atividades dos trabalhadores(as), tomadas pelo trabalho como atividade, um processo de construção e de reconhecimento de si? A construção da Memória Social pode contribuir com a Ergologia na avaliação do trabalho como atividade de si?

3. Metodologia

Dentro da orientação Ergológica, aportada pela Memória Social, será acessada a subjetividade social e individual dos participantes mediante suas histórias de vida conectadas com suas histórias de vida profissional. Para acessar as narrativas e experiências, serão realizadas entrevistas com perguntas abertas gravadas em som e/ou vídeo com som, além da observação no campo de trabalho das práticas, gestuais, operação de máquinas e a vida social dentro e fora das atividades de trabalho. Será produzida



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

documentação imagética (fotografia e filmagem) na forma de registro, em sequências narrativas, registrando a vida de trabalho dos participantes, inseridos nos diversos ambientes e processos nos quais desenvolvem suas atividades. Em museus e arquivos fotográficos, se buscará um estudo comparado entre os registros imagéticos históricos com os atuais, mediante processo de análise de imagens com base em metodologia própria. Estas imagens serão posteriormente tomadas como dados de pesquisa na análise específica do motivo da(s) imagem(ns), isto é, da ação, pessoa ou objeto registrados. Neste caso o que importa é o conteúdo imagético e seus significados no contexto temático da pesquisa (NEIVA-SILVA, KOLLER, 2002). As imagens serão colhidas somente com autorização dos participantes.

Referências

- AMADOR, Fernanda Spanier. ROCHA, Cháris Telles Martins. BRITO, Janaína Madeira. BARROS DE BARROS, Maria Elizabeth. **A Narrativa como Dispositivo Metodológico em Clínicas do Trabalho**. Investigação Qualitativa em Saúde-CIAIQ 2016. Portugal. 2016.
- BRIOSCHI L.R, Trigo MHB. **Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas**. Ciência e Cultura Vol. 39: 631-7, 1987.
- DURKHEIM, Émile. **Fato Social e divisão do trabalho**. São Paulo. Ática. Ensaios comentados. MUSSE, Ricardo. 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- HARVEY, David. **A condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 2010.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LUDKE M, André MEDA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU; 1986.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014. 2.ed. Brasília: Ministério da Cultura, 2011. 156p.
- NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 7, n. 2, p. 237-250, July 2002. disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 02 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200005>. **Investigação**
- NERY, Salete. **Economia criativa: entre a moda e o artesanato**. *Latitude*, vol. 6, nº2, pp.221-239, 2012.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.
- REY, F.L.G. **La investigación cualitativa em Psicologia: Rumbos y desafios**. São Paulo: EDUC, 2001.
- SARAIVA, Enrique. **Política pública, política cultural, indústrias culturais e indústrias criativas**. In: MINISTÉRIO DA CULTURA. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014. 2.ed. Brasília: Ministério da Cultura, 2011. p. 93-96.
- SCHWARTZ, Y. **A experiência é formadora? Educação e Realidade**, 2010.
- TRINQUET, Pierre. **Trabalho e educação: O método ergológico**. HISTEDBR On-line. Campinas. Número especial. P.93-113.ago.2010.